

MÍDIA E EDUCAÇÃO: A INTEGRAÇÃO NA SALA DE AULA EM CONTEXTO HISTÓRICO

Ana Cristina Cardoso Santos*

RESUMO

Este artigo trata das relações entre as mídias e a escola, a partir do enfoque histórico da inserção das ferramentas midiáticas no contexto educacional, que entrelaça a cultura tecnológica atual em que o educando vem sendo inserido, com o avanço diário e contínuo dos recursos audiovisuais e de comunicação, onde se busca destacar a necessidade dos educadores em desenvolver novas possibilidades, ou mesmo habilidades de prática pedagógica, com a utilização dos recursos disponíveis, objetivando trabalhar com estas ferramentas de forma ordenada, não só resgatando os conhecimentos pré-concebidos, mas também não permitindo apenas a instrumentalização desses recursos, onde o objetivo final deve estar voltado à crítica reflexiva da forma de utilização destes instrumentos, para que possam facilitar o acesso igualitário de todos indistintamente. A metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica. Finalmente, apesar do educador ainda apresentar inúmeras dificuldades, tanto no acesso as ferramentas, como na aplicabilidade, já é possível vislumbrar um caminho a ser seguido com o envolvimento de todos os componentes da comunidade escolar.

ABSTRACT

This article deals with the relationship between the media and school from the historical approach of integrating media tools in the educational context , which interweaves the current technological culture in which the student has been inserted with the daily and continuous advancement of audiovisual resources and communication, where it seeks to highlight the need for educators to develop new possibilities , or even teaching practical skills , with the use of available resources , in order to work with these tools in an orderly fashion , not only rescuing the preconceived knowledge , but not allowing only the manipulation of these resources , where the ultimate goal should be facing the reflective critique of how to use these tools so that they can facilitate equal access for all without distinction . The methodology used was the literature research . Finally , despite the educator still has many difficulties in both access tools , such as the applicability , it is possible to envision a path to be followed with the involvement of all components of the school community .

Palavras-chave: Escola, Mídia, Educação, Comunicação.

1. Artigo elaborado em conclusão à disciplina Tópicos Especiais em Educação, ministrada pelo Prof. Dr. Joselito Abrantes, do Curso de Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade de Supervisão Pedagógica e Formação de Professores.

* Licenciada em Física, pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Pós – Graduada em Metodologia do Ensino Superior, pela Universidade da Amazônia - UNAMA e Professora de Ensino Fundamental Técnico e Tecnológico, E.E. Irmã Santina Rioli, Macapá-AP. E-mail: ana.cris.y2@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O assunto mídia e educação vêm sendo a várias décadas discutidas, considerando a necessidade que se verifica em aprofundar a utilização de recursos tecnológicos na escola, tendo em vista o alto nível de influência que exercem e complementam a formação contemporânea dos educandos.

Diante do rápido avanço das tecnologias de informação e comunicação, se faz necessário voltarmos a meados dos anos 40, onde se inicia a concentração econômica e administrativa, aliada ao desenvolvimento de novas tecnologias, que propiciam a maior circulação do processo de comunicação através do rádio, cinema e revistas concomitante a construção do crescimento na ordem industrial.

Tradicionalmente atribui-se a escola a formação intelectual e pessoal do indivíduo, pela transmissão de atitudes culturais e conhecimentos históricos acumulados. Com a inserção das mídias no contexto social a partir dos anos 70, surge uma nova perspectiva de inserção do saber criativo, que busca formar usuários críticos e ativos e com uma visão descentralizada de aquisição conhecimentos, por meio das comunicações e tecnologias de informação.

Quando no referimos ao contexto educacional, à mídia sempre fez parte deste contexto, no entanto, por várias vezes sofreu certa resistência de inserção na escola, por dificuldades de manuseio ou ainda por falta de conhecimento do próprio educador, quando muitas vezes por receio de tornar-se alvo ou mesmo por falta de diversificar sua prática pedagógica, deixou de utilizá-la ou de permitir que o aluno também o fizesse. O receio do impacto que a implementação da mídia na sala de aula poderia causar, trouxe consigo a falta de informação e o atraso no avanço educacional, ocasionado pela penetração das tecnologias de informação e comunicação, as quais possibilitaram grandes transformações na sociedade.

Mediante ao fato da invasão das tecnologias de informação no contexto social, podemos destacar a tomada do poder televisivo que agiu diretamente sobre as famílias e continuamente sobre as intuições religiosas que partiram assim para as funções de espetáculos musicais em grandes shows e logicamente a escola, que logo foi rendida pelo poder da computação, na implantação de laboratórios de informática, que nem sempre serviram de acessórios complementares do processo educacional, mas acabaram tornando-se um fim em si mesmo.

Assim, podemos questionar, de que forma ou qual seria a real importância da inserção das mídias no contexto educacional, pois podemos observar que de maneira geral sua introdução torna-se bem mais discutida à partir dos anos 80, com a introdução da informatização de grandes instituições e principalmente dos meios de comunicação, que dessa forma contribuem para que cada vez mais às mídias tornem-se indispensáveis e essenciais, na vida cotidiana e profissional de toda uma sociedade organizada.

Diante disto, torna-se relevante destacar, que este artigo, apenas busca discorrer sobre a inserção das mídias em um contexto histórico educacional, sem nenhuma intenção de questionar sua real funcionalidade, ou seja, apenas descreve sobre as influências geradas no decorrer da inserção da relação entre às mídias e a educação.

2. EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E MÍDIA - EDUCAÇÃO.

Revisando o papel que a mídia tem na sociedade contemporânea e na formação dos sujeitos, verifica-se que nem sempre a demanda corresponde ao que se mostra na escola. Por mais que se diga que nossas crianças são da geração que cresceu com a TV, vídeo e controle remoto e ainda mais recentemente com os computadores e a internet, as discussões sobre o tema da implantação das mídias no setor educacional de forma gradual e efetiva, ainda está muito

longe de realmente ser concretizada ou mesmo, suficientemente problematizado.

Infelizmente sabe-se que as mídias não só asseguram um contato mais ágil e eficaz de comunicação, mas também propiciam as relações sociais de diversas classes, porém o acesso aos recursos midiáticos na educação ainda são muito restritos, pois nem sempre estão disponibilizados, em sua maioria para aquela escola mais carente e que fica localizada nas regiões mais longínquas.

O processo de transmissão simbólica facilitado pelas mídias, na maioria das vezes não estão sendo explorados, hora por falta de recursos, hora por uma descontinuação do processo de aprendizagem da leitura e escrita, com a utilização de novos recursos, como por exemplo, os telefones celulares, que além de encurtar distâncias, tornam-se uma ferramenta essencial de comunicação, que na maioria das vezes não é explorada pelo professor. Que em sua maioria apenas proíbem o uso deste recurso.

Sabemos que as mídias não só asseguram formas de transmissão simbólica, mas também funcionam como um sistema gerador da nossa prática sociocultural, onde formamos e medimos a construção dos significados e nível e grau de nossa inteligibilidade do mundo.

A importância da mediação pedagógica para a correlação de funcionamento real dos recursos da mídia na educação, passa pela necessidade que a mídia disponibiliza de facilitar o acesso à informação, assim como possibilita não só ao professor, mas também ao educando e demais componentes da comunidade escolar, visões mais claras das situações em que está inserido, possibilitando assim uma visão mais ativa e crítica dos meios sociais em que está inserido.

3. BASES HISTÓRICAS NA EVOLUÇÃO DAS MÍDIAS

A fim de fazer uma síntese articulando um entendimento entre mídia-educação como campo, disciplina e prática pedagógica, discorreremos sobre alguns aspectos históricos recorrentes do caminho da mídia, destacando

que no Brasil ainda se peca de registros mais específicos de forma sintetizada.

No decorrer do século XX, mais especificamente entre os anos de 40 e 70, o telefone, o cinema, o rádio, as revistas e a televisão compõem um sistema, que ao desenvolver-se, transformou-se em aparato de última geração ao integrar outros avanços tecnológicos mais recentes como telefones celulares, TV interativa e a Internet. Tais acessórios foram sendo vinculados com a totalidade, estabelecendo uma íntima relação com os objetivos do processo de industrialização. O avanço tecnológico cresceu presente em todos os setores da vida social, e na educação não poderia ser diferente, pois o impacto desse avanço se efetiva como um processo social, atingindo todas as instituições, invadindo a vida cotidiana do homem no interior de sua casa, na rua onde mora, nas salas de aulas com os alunos, etc. Sendo assim, os aparelhos tecnológicos coordenam suas atividades e condicionam sua forma de pensar, de agir, de sentir e controlar o seu raciocínio e sua relação com as pessoas.

Tendo em vista esta realidade, crescem os desafios da escola sobre esse tema na tentativa de corresponder como ela poderá contribuir para que crianças e jovens se tornem usuários criativos e críticos dessas ferramentas, evitando que se tornem meros consumidores compulsivos de representações novas de velhos clichês (BELLONI, 2005, p.8).

Assumir o uso das mídias, na perspectiva de trabalhá-las, no cotidiano da escola, de modo criativo, crítico, competente, passa a se constituir como um grande desafio que pode gerar transformações profundas e significativas na formação de professores, aprofundando as reflexões sobre as metodologias de ensino e envolvendo o professor nos processos de seleção dos equipamentos, bem como exigir das diversas esferas da educação a aquisição, manutenção e acessibilidade democrática aos equipamentos.

McLuhan (1974), analisa que o processo evolutivo da comunicação das mídias envolve três períodos, sendo eles a civilização pela

oralidade, civilização da imprensa e civilização da eletricidade. Onde na civilização da oralidade, a palavra era falada e as relações sociais eram tribalizadas, ou seja, incorporavam características especificamente regionais. Na civilização da Imprensa, que iniciou com o seu próprio nascimento, já houve um processo de destribalização, a influência regional deixou de se mais específica tornando-se mais global.

Com o surgimento da energia elétrica já marca o retorno das relações tribalizadas novamente, pois os meios de comunicação permitem mais interação entre os indivíduos. McLuhan destaca ainda, que em cada mudança de tecnologia, nas suas diversas etapas, tem várias consequências, nas mudanças da estrutura social, pois essas mudanças ocorrem de forma casual, considerando que o surgimento de uma tecnologia não ocorre por uma tentativa isolada de desenvolvimento técnico em si, mas por tentativas de transformar, reproduzir e documentar as experiências humanas.

McLuhan buscou compreender o que se passou na evolução do homem, através de seu esforço em desenvolver-se e adaptar o mundo às suas necessidades criando tecnologias que lhe aprimoraram os sentidos e o poder de formar culturas.

Ele buscava entender os efeitos que as tecnologias desenvolvidas pelo homem tinham sobre os aspectos sociais e psicológicos.

Para a educação, trouxe um novo enfoque, baseado em suas teorias sobre comunicação. Relatava que uma rede mundial de ordenadores tornará acessível, em alguns minutos, todo o tipo de informação aos estudantes do mundo inteiro e que em nossas cidades, a maior parte da aprendizagem ocorre fora da sala de aula, pois a quantidade de informações transmitidas pela imprensa excede, de longe, a quantidade de informações transmitidas pela instrução e textos escolares, explica McLuhan, em seu livro "Revolução na Comunicação".

A atuação das mídias deveria ocorrer no sentido de amenizar ou até mesmo eliminar as desigualdades sociais, que o acesso desigual a essas tecnologias teria gerado e que tal fato poderia se tornar um dos principais objetivos da educação.

Desde a década de 50, vários teóricos chamam a atenção para a caracterização da sociedade pela tecnificação crescente nos mais variados setores sociais. Havia preocupações no sentido de que os meios de comunicação constituíam uma escola paralela onde às crianças e os adultos estariam encantados e atraídos em conhecer conteúdos diferentes da escola convencional. Desta forma foram sendo analisados os efeitos do impacto da tecnologia na sociedade e na educação.

Partindo desses impactos, alguns autores como Friedmann e Pocher (1977) destacam que as tecnologias são mais do que meras ferramentas a serviço do ser humano, elas modificam o próprio ser, interferindo no modo de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, podendo também levá-lo em direções não exploradas encaminhando a humanidade para rumos perigosos.

Outros autores como Adorno e Horkheimer, teorizam sobre os meios de comunicação, quando consideram que esses passam a serem apenas negócios com fins comerciais programados, para a exploração de bens considerados culturais, denominando-os "Indústria Cultural". O termo "indústria cultural" foi explicado como mais propício que o termo "cultura de massa", disseminado pelos donos dos veículos de comunicação, ao justificarem que a cultura surge de forma espontânea, brota das massas, do povo.

A indústria cultural ao aspirar à integração vertical de seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, em larga medida, determina o próprio consumo. Sendo assim, o interesse da indústria cultural nos homens é mantê-los como consumidores ou empregados reduzindo sua humanidade, confirmando desta forma seu papel de portadora da ideologia dominante (Adorno -1999, p.8).

Desta maneira, sendo aliada da ideologia capitalista, falsifica as relações entre os homens e do homem com a natureza, contribuindo para o que Adorno trata como anti-iluminismo, que é contrário ao iluminismo o qual objetivava a liberdade, o abandono do medo e a exclusão do mundo da magia e dos mitos. Onde com o iluminismo esperava-se a instauração da soberania do homem sobre a técnica e a ciência, mas o progresso da dominação técnica tornou-se o novo engano, vitimando o homem mesmo depois de ter sido libertado do medo mágico que o acompanhava, no entanto o poder da técnica pelo homem não o levou a libertação do medo, somente transferiu sua ansiedade e apreensão do mágico, do místico, para o medo do novo, do avanço desenfreado da ciência e dos efeitos em sua vida, perpetuando sua insatisfação no sentido humanitário.

No mundo do iluminismo, a mitologia foi sucumbida, mas a dominação se apresenta sob a forma de alienação do homem com respeito aos objetos dominados e com o hipnotismo dos homens em seus relacionamentos sociais e do homem consigo mesmo. Antes, os fetiches estavam sob a lei da igualdade. Agora, a própria igualdade se converte em fetiche (ADORNO, 1999, p.33).

O homem é condicionado ao sentido econômico que dá as mercadorias, valores que interferem e decidem a sua existência, estabelecendo o caráter de fetiche sobre a vida em sociedade. Desta forma são inculcados no indivíduo normas e comportamentos considerados únicos, decentes e racionais pela cultura de massa ou indústria cultural.

Na América Latina, as práticas de educação para as mídias vêm alimentando uma revisão conceitual, onde nessa abordagem, a mídia não só tem uma função de mediação na produção cultural, mas também os fenômenos de recepção em si mesmos são mediados por outras instâncias da sociedade, como a família, a escola, o grupo de amigos, a igreja etc. Ou seja, ao não reconhecer a influência direta da mídia sobre os usuários, surge daí a necessidade de trabalhar os mediadores de tal relação através de práticas participativas que

permitam manipular as mídias e seus recursos e dominar suas técnicas e linguagens.

Paralelo à construção de tais concepções, uma reflexão mais sistematizada e uma definição conceitual de mídia-educação se faziam necessárias. A primeira definição oficial foi apresentada na França pelo Conselho Internacional do Cinema e da Televisão (CICT), organização ligada à UNESCO, em junho de 1973, e referia-se ao estudo, ensino e aprendizagem dos modernos meios de comunicação como disciplina autônoma no âmbito da teoria e prática pedagógica, reconhecendo a escola como lugar específico da mídia-educação.

A segunda definição apresentada pelo mesmo conselho alguns anos depois, em 1979, amplia seu campo de intervenção em duas direções: na extensão da mídia-educação aos aspectos históricos, valorativos e do uso criativo, considerando as mídias como produtos e processos culturais e sociais; e na ampliação da disciplina escolar Mídia-Educação para outras faixas etárias, envolvendo crianças, jovens e adultos em geral. Esta redefinição permitiu pensar nas especificidades da mídia-educação como prática social e disciplina curricular na formação de crianças, jovens e adultos trabalhando os conteúdos e as linguagens da alfabetização e capacitando os sujeitos a ler e escrever criticamente, com o auxílio das mídias e discutindo temas como igualdade, direitos humanos, participação e cidadania.

As referidas concepções construídas em torno do papel da mídia-educação, aliadas à sua redefinição, situam alguns critérios de sua identificação e oferecem algumas bases para uma compreensão mais ampla do conceito, a partir de diversas dimensões: político-econômica; ambiental; psicológica e cultural.

Não se trata de evitar o uso das mídias como instrumento, mas assumir uma perspectiva integrada capaz de pensar as mídias como recurso global para a educação, seja porque são interpretáveis e criticáveis, seja porque são utilizáveis como linguagens por meio das quais se articulam as próprias visões do mundo. (RIVOLTELLA, 2002, p. 35).

Mediante o exposto, reflexões sobre o assunto vêm sendo discutidas, contudo, o potencial educacional que as TIC oferecem não pode ser negado, mas precisa ser integrado efetivamente na escola, principalmente na rede pública de escolarização, já que pode servir como mais uma possibilidade para a construção da cidadania plena. Para tanto, faz-se necessário estabelecer como propósito a utilização da produção multimídia de forma a desenvolver o potencial crítico sem negar o papel de consumidores que somos, mas de forma consciente, salientando a nossa função de emissores e receptores do saber e da informação.

4. O PROFESSOR E AS MÍDIAS EM AÇÃO

Estudar a prática do professor pressupõe a aceitação da existência social da escola e de sua função institucional, ou seja, o professor enquanto peça primordial do processo educativo escolar, deve estar situado e condicionado, de sua função social, relacionando o contexto atual com as circunstâncias histórico-sociais. Surge daí a necessidade de desvendar a prática do cotidiano do professor enquanto ator do processo de ensino-aprendizagem, no que concerne à inclusão das mídias no contexto da sala de aula e do aproveitamento prévio do conhecimento do próprio discente.

A prática pedagógica do professor necessita estar esclarecida de métodos e técnicas a serem desenvolvidos em sala de aula, procurando estabelecer uma relação direta com os alunos e a sociedade em que vive. É preciso também incluir nesse contexto uma participação coletiva e complementar dos parceiros, que são a escola e a família, porém também necessita vincular esta parceria ao acompanhamento dos avanços tecnológicos, que o mundo cerceia.

Faz parte do senso comum, ratificado pelos órgãos institucionais, que o professor possua um saber que lhe é próprio. Esse saber possui duas grandes direções: o domínio do próprio objeto de estudo e o domínio das ciências da educação que lhe permitirão compreender e

realizar o processo pedagógico. (CUNHA,1994,p.45)

Quando se estuda a prática pedagógica do professor, tem que se levar em conta, toda a formação institucionalizada pela qual ele passou, até chegar à sala de aula. Nesses processos muitas vezes não se premiou o aspecto dos avanços evolutivos das mídias, que podem representar os instrumentos de complementação de atividades, os quais assim como visam facilitar o processo de aprendizagem, podem também representar uma perda de controle, quando se trata ou se observa que o conhecimento do próprio aluno junto às tecnologias, que hora se apresentam, acabam por melindrar ou por demonstrar que o professor precisa correr atrás, de forma mais urgente, de se capacitar melhor, para poder acompanhar seus alunos e participar mais ativamente desse processo.

Tornar as aulas mais atraentes, estimular a participação do aluno, induzir a crítica, à curiosidade e à pesquisa, hoje é uma tarefa mais árdua ainda, pois se o professor não domina os instrumentos que o aluno dispõe e que possibilitam uma rápida comunicação entre eles e até mesmo, uma pesquisa mais avançada sobre determinado conteúdo, ele terá grande dificuldade de chamar e fixar a atenção destes alunos, para qualquer assunto ou forma de conhecimento que queira tratar.

Faz-se necessário, que o educador busque formas inovadoras de desenvolver suas aulas, pois caso contrário elas serão ultrapassadas, não só no sentido literal da palavra, mas principalmente na avaliação do próprio discente, que rapidamente identifica as dificuldades do professor, como uma falha que ele mesmo pode superar e passa assim a competir com o professor, tornando então a situação de convivência, por muitas vezes insustentável.

A atuação do professor frente ao crescente desenvolvimento tecnológico, tem demonstrado as dificuldades de acesso as novas tecnologias, que o educador enfrenta, talvez por não ter sido habilitado ou preparado para este contexto no decorrer de sua

formação pedagógica, mas também pela indisponibilidade de tempo ou interesse, em buscar este conhecimento, para assim agregá-lo em suas atividades, tornando-as mais favorecedoras da aprendizagem e do despertando entusiasmo e o interesse dos alunos pelo conteúdo ou pela aula a ser trabalhada.

Na educação atual é forçoso constatar que a velocidade de surgimento, bem como o ritmo acelerado de renovação dos saberes em todas as áreas de conhecimento, é geral, precisa-se ter cuidado para torna-se obsoleto, com o passar de alguns anos de diplomação.

Outra constatação se relaciona a natureza do trabalho, cujos conhecimentos não param de crescer, ou seja, trabalhar na atualidade, quer dizer também aprender sempre, compartilhar saberes e produzir conhecimentos.

Por fim, como terceira constatação, podemos destacar os avanços tecnológicos intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas.

É importante para o educador atual identificar, que a memória social conta agora com o auxílio de uma memória tecnológica, visualizada, nos bancos de dados e nos arquivos digitais.

As novas tecnologias predispõem ainda novos estilos de raciocínio lógico e de conhecimento, tais como a simulação e a industrialização da experiência do pensamento, que não advém nem da dedução lógica e nem da indução, mas sim a partir da experiência adquirida em sala de aula, mas que pode deixar de buscar e compreender o processo de evolução e inserção das mídias na ação prática do professor em classe.

6. A COMPLEXIDADE DA RELAÇÃO EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Na era da informação, desde a infância, os meios de comunicação tem uma influência marcante na primeira cultura, sobretudo a televisão, que por força da sociedade em que vivemos, direciona conceitos e extrapola conhecimentos no sentido de abranger de

forma mais inclusiva, toda sociedade independente da classe social que está inserido.

A primeira cultura do educando nos dias atuais, é sem dúvida a cultura midiática, pois a criança quando começa a falar já procura um celular, por exemplo, para comunicar-se, sendo assim, é necessário colocar a disposição dos educadores e dos educandos um grande número de opções de meios de comunicação, que possam ser utilizados no processo de inclusão digital a qual todos têm direito ao acesso.

O papel da escola neste contexto é fazer com que o educando, em qualquer faixa etária, possa passar dessa primeira cultura a uma cultura mais elaborada, na qual, teríamos um processo dialético, onde uma não eliminaria a outra, mais sim acrescentaria uma definição mais concreta e completa, da aplicação do conhecimento midiático, a uma relação de comunicação do conhecimento pré-elaborado e aplicável ao cotidiano da sala de aula.

Neste contexto, a informação está generalizada e a cultura dominante em todas as esferas sociais torna-se perigosamente midiática, ou seja, é preciso ter cuidado para não tornar-se apenas mais um espetáculo de entretenimento, os meios não devem tornar-se fins, pois os meios de comunicação são muitos, mas muitas vezes os conteúdos comunicados, não são relevantes, ou ainda, são usados para emitir comunicados e não para se comunicar realmente.

Diante deste quadro, muitos educadores terminam por ter receio em utilizar as ferramentas midiáticas, deixando fugir uma grande oportunidade de complementar sua práxis, com recursos que por muito tem contribuído com a aprendizagem, pois não se pode negar o quanto uma criança aprende em frente à tv, ou ouvindo uma música, ou mesmo comunicando-se através de mensagens de voz ou de texto, todos estes meios, e ainda outros mais, nos ligam instantaneamente ao mundo, conectados com o planeta, onde com o advento da internet esses meios ganharam mais força ainda.

A cultura midiática envolve o corpo de forma integral, privilegia o som, a imagem, os movimentos, as cores, ou seja, envolve toda estrutura corporal, possibilitando ao indivíduo satisfação e comunicação e conhecimento rápido. Sendo assim é importante lembrar que todas estas ações que a mídia nos mostra, molda nossas percepções sobre mundo e que o professor precisa trazer esse debate para sala de aula, pois é bom lembrar que o que as mídias nos mostram são mediações e não necessariamente a realidade.

Enfim o papel das mídias como meio de comunicação precisa ser considerado e avaliado por uma pedagogia da comunicação dos meios, mais específica, procurando analisar criticamente todo o contexto em que a escola está inserida, mas tomando cuidados para que seja desmistificada pelos educadores, na tomada de consciência em não ter apenas o papel de simplesmente substituir a escola.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção das mídias no contexto da sala de aula tem como foco de discussão a necessidade de adequação da prática pedagógica do professor no que se refere a utilizar os recursos midiáticos, como suporte e construção do conhecimento, conjuntamente com o educando.

O termo mídia-educação, por ser um termo do campo científico, com reconhecimento e visibilidade internacional, deve ser defendido, por se tratar da pedagogia dos meios, que intervém no espaço escolar, de forma a trazer para dentro a discussão, ação e reflexão juntas, dependendo das possibilidades e realidades oferecidas pela escola, ou seja, dar encaminhamentos que possibilitem ao educador dinamizar e por em prática, ações de apropriação do conhecimento, através e com o auxílio dos recursos midiáticos.

Existem três pontos iniciais a serem considerados, quando se envolve a discussão da necessidade de envolvimento das mídias no contexto escolar. A escola precisa ter uma postura crítica para que o uso das mídias avance de forma gradativa, porém ordenada,

com uma proposição criativa que envolve as culturas locais e as diferentes identidades sociais do espaço em que está inserida.

Outro ponto seria o de buscar uma fundamentação teórica dos usos sociais da tecnologia e da teoria das mídias, para assim ter um alicerce de conhecimento e a partir daí construir novos conceitos e fundamentações.

Como terceiro passo, ter sintonia com o projeto político-pedagógico da escola, onde assim se deve fundamentar, uma perspectiva de ação democrática dentro do ambiente escolar, evitando o risco de que todo o processo de implementação e uso das tecnologias, venha tornar-se apenas instrumental, deixando de estar vinculado a mobilização conjunta de toda comunidade escolar, dissociando assim, interesses tanto por parte dos alunos, como dos educadores, pois quando não se envolvem principalmente problemas de ordem social, no qual estão inclusos, os mesmos podem se desinteressar e tornar sem efeito todo este esforço conjunto.

É importante, porém ter cuidado com a retórica de que a escola do futuro deverá ser perfeita, ou seja, com minicomputadores individuais, kits multimídias, acesso ilimitado à internet, tv 3D, smartphones e outros equipamentos, afinal as máquinas não trabalham sozinhas e estes equipamentos, nada acrescentariam a educação formal e social do indivíduo, sem o auxílio de pessoas que direcionassem todo este aparato.

A escola hoje precisa de uma pedagogia que responda aos anseios imperativos do tempo histórico em que está inserida. Segundo a pedagogia dos meios, onde se destaca José Emanuel Moran, podemos citar:

“Toda educação aponta para uma visão de futuro, e com ela analisa o presente, seja para repeti-lo ou para transformá-lo. A maior parte das experiências da educação para os meios pretende modificar a sociedade tornando-a mais justa, e percebe a comunicação mais a serviço da classe dominante. Mas também há experiências que desvinculam a comunicação de um modelo político, pretendendo

simplesmente ensinar o domínio de novos códigos para compreender melhor as novas linguagens.”(MORAN,1993,p.13)

A competência do professor deve estar locada em incentivar a aprendizagem e o pensamento. Todo professor que se tornar um animador da inteligência coletiva e sua prática será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens, do incitamento à troca de saberes, à mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem. Todo educador deve ser um propositor de uma aprendizagem contínua.

Não basta só ter uma diversidade tecnológica sem saber como utilizá-la em sala de aula, de forma que para possibilitar a aprendizagem e conscientização dos alunos, é necessário ter o conhecimento da mesma. Os professores precisam fazer o uso destas, de forma a tornar as aulas mais interessantes e atraentes. Portanto, as mídias são agentes sociais da socialização, agentes sociais da educação. E cabe aos professores e alunos saberem usar de forma coerente esses meios possibilitando um ensino-aprendizagem de forma contínua. Criar e recriar, buscando sempre melhoras, buscando sempre estabelecer relações com a cultura regional, possibilitar esclarecimento e resolução de problemas comuns a comunidade em que está inserido.

O desafio maior hoje é conciliar o acesso às mídias do educando ao domínio da prática do professor, com o envolvimento desses instrumentos, e buscar aprender com as crianças e jovens, sobre o mundo de simbolismo que vivem é primordial para o avanço deste conciliamento, ou seja, é preciso relacionar o conhecimento com as necessidades da comunidade, tendo compromisso permanente e contextualizado, pois assim, a teoria crítica se traduz em ação reflexiva, para facilitar e dar acesso de forma igualitária a tudo aquilo que as novas mídias oferecem a humanidade dos dias atuais.

A atuação do professor no contexto da sala de aula se dispõe enfim, como um desafio imensurável de buscas e conquistas, que necessitam expressamente da disponibilidade

e do apego ao ato de educar, o que deve ser uma constante no cotidiano pedagógico de todo educador, comprometido com a ação educativa e construtora de uma cidadania, capaz de tornar o indivíduo crítico e ativo, frente ao contexto social em que está inserido.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Adorno: vida e obra. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 1999.

ALARCÃO, Izabel. Formação Reflexiva dos professores - Estratégias de Supervisão. Porto Editora. 1996.

BACON, Francis. Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. 2.ed. São Paulo: Victor Civita, 1979.

BELLONI, M. L. O que é mídia-educação. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. Comunicação e educação. São Paulo: Hacker, 2001.

CARVALHO, A. D. Novas Metodologias em Educação. Coleção Educação. São Paulo, Porto Editora, 1995.

CUNHA, Maria Isabel da, O bom professor e sua prática. 3ªed. Campinas: SP. Papirus, 1994.

MORIN, Edgar. Educação e complexidade, os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 1993.

FANTIN, M; RIVOLTELLA, P. C. Interfaces da docência (des) conectada: uso das mídias e consumos culturais de professores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., Caxambu, 2010. Anais... Caxambu, 2010. p.1-16.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática-Educativa São Paulo: Paz e Terra. 1996.

LEAL, Barros Regina. O Memorial em Dinâmica: saber - fazer o diferente no cotidiano da sala de aula. Fortaleza, 2001

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

GADOTTI, Moacir. A organização do trabalho na escola: alguns pressupostos. São Paulo: Ática, 1993.

OROFINO, Maria Isabel. Mídias e Mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. 1ªed. São Paulo: Cortez. 2005.

PETRAGLIA, Isabel Cristina Edgar Morin. A Educação a complexidade do ser e do saber. Petrópolis : Vozes,1995.

SETTON, Maria da Graça. Mídia e Educação. 1 ed. São Paulo: Contexto. 2011.

SEVERINO, Antônio. O compromisso dos educadores com a interdisciplinaridade: A exigência da teoria e da prática. Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Vozes, 1995.

TEIXEIRA, Elizabeth. As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 4ª edição. Belém: UNAMA, 2005.